

Refém
da
Mar

Refém
da
Mar

Allie L.

Tradução de N. C. A. Gutierrez

ORIGINALMENTE PUBLICADO NO
Wattpad

E. U. A., 19 de Julho de 2020

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida em qualquer formato ou por qualquer meio, incluindo por fotocópias, gravações ou por outro meio eletrônico ou mecânico sem a permissão prévia de Allie L.

EPÍGRAFO

~•~

*Ele a viu,
Ele a quis,
Ele a **levou**.*

*Ela ouviu as histórias,
Ela temia,
Ela foi **levada**.*

*"ELE ERA SEU CONTO DE FADAS SOMBRIO
E ELA ERA SUA DISTORCIDA FANTASIA.
E JUNTOS ELES FAZIAM MAGIA."
-F. SCOTT FITZGERALD*

PRÓLOGO



 SOL ESCALDANTE QUEIMA SOBRE A PEQUENA ILHA DE San Mahina, sendo o único alívio do calor sufocante a brisa oceânica soprando do Atlântico, e a pequena quantidade de sombras oferecidas pelas numerosas palmeiras.

Praias de areia branca envolvem a pequena ilha, com ocasionais rochas e pedras espalhadas pela linha da orla. San Mahina tem a forma de uma lua crescente, o lado norte é voltado para o vasto oceano Atlântico, com grandes ondas se quebrando contra o litoral. O lado sul tem mais aspecto de lagoa, com águas azuis profundas comumente utilizadas por pescadores e mergulhadores.

Não muito longe das Ilhas Virgens, o clima de San Mahina é bem tropical. Várias frutas de clima quente são cultivadas nos muitos hectares que a ilha tem em fazendas, o que sustenta sua economia.

No começo, no início do século XX, a ilha lotava de turistas. As pessoas vinham de toda parte para ver as águas cristalinas e a-

reias brancas de San Mahina, mas suas profundezas de azul cerúleo, que pareciam tão belas e fascinantes, podiam ser bastante enganosas.

Em 1927, um homem de 64 anos de idade foi pescar no lado sul da ilha. O homem esteve desaparecido por dois dias antes de ser trazido pela maré, mas uma vítima de afogamento ele não era. Partes de sua pele haviam sido impiedosamente arrancadas de seu corpo, não pelos dentes de um tubarão, mas habilidosamente pelas mãos de um monstro.

Mais tarde, em 1936, dois jovens foram nadar no canto oeste da ilha. Um dos homens assistia enquanto seu colega foi arrastado para dentro d'água por seus calcanhares para nunca mais ser visto. A testemunha podia apenas descrever o monstro como sendo só uma sombra nas ondas.

Em 1942, uma mulher recém-casada se afogou na frente de seu marido. Em 1954, um homem das redondezas foi puxado de seu barco apenas para ser trazido pela maré sem os braços. 1963 teve dois nadadores mortos em seis meses. O número de ataques continuou aumentando, e os habitantes da ilha começaram a declinar.

Já nos idos dos anos 90, San Mahina estava quase abandonada, os únicos residentes sendo os locais ou ocasionais locatários. Longe ficaram os dias de férias felizes e retiros ensolarados. As águas que uma vez foram de um azul cristalino ficariam para sempre vermelhas nas mentes aterrorizadas daqueles que testemunharam os horrores da ilha.

E assim as palmeiras continuaram a balançar em falsa segurança, a ilha para sempre assombrada por suas profundezas cerú-

leas. Nunca houve sobreviventes aos ataques, mas houve testemunhas.

E todos descreveram o monstro da mesma forma.

Uma sombra no mar.

THRÝLOS



NUMA DAS VÁRIAS AVENIDAS DE SAN MAHINA, EM FRENTE à uma pequena barraquinha, sob o toldo e longe do sol, encontra-se uma jovem. Ela usa shorts com barras rasgadas e uma regata fina sobre o maiô marrom. Seu espesso cabelo loiro foi preso em um rabo-de-cavalo folgado, com algumas mechas grudando em sua testa suada.

Ela vagueia pelos produtos da tenda. Seu olhar recai num cesto de mangas. Os longos dedos dela tocam as frutas, afastando ocasionais insetinhos. Seus olhos de cor acinzentada sobem, e ela sinaliza com a mão para o vendedor.

O baixinho homem se aproxima arrastando os pés. Sua pele excessivamente morena prova que ele é dali. Um sorriso para a jovem enrugando o entorno de seus olhos.

— Gostaria de provar, mocinha? — pergunta, com um distinto sotaque em suas palavras.

— Sim, senhor. — a jovem responde educadamente, um pequeno sorriso adornando seus finos lábios. — Essas duas mangas. — diz, entregando as frutas ao homem.

Ela o segue até a mesa onde está sua caixa registradora. O homem a examina com curiosidade, franzindo as sobrancelhas.

— Você não é daqui, é? — pergunta, sem duvida notando a pele pálida e o cabelo loiro de um clima bem mais ameno do que o da ilha.

— Não, senhor. Estou de férias com a minha família. — responde, e paga-lhe em moeda local.

O homem franze o cenho.

— Nós não vemos mais muitos turistas por aqui.

— É uma pena, não é? Esse lugar é lindo. — a garota diz, suspirante, sorrindo ao ver um passarinho passar voando por perto.

— Quer dizer que você não sabe? — indaga ele.

— Não estou entendendo, senhor.

O mais velho baixa a voz, fazendo um gesto para que ela incline a orelha. A garota o faz, contudo não sem muita hesitação desconfiada.

— Existem lendas, mocinha... histórias.

— Que tipo de histórias? — questiona ela.

— Afogamentos! Desaparecimentos inexplicáveis. — murmura ele — Você se pergunta por que ninguém vem aqui? É, e por uma boa razão eles não vêm. Ninguém nada por essas águas e retorna com vida.

— Senhor, eu sinto muito, mas...

O homem balança a cabeça freneticamente.

— Não, não, moça. Não entre na água. Coisas perigosas nadam nessas águas.

— Não dê ouvidos a ele. Ele é um velho louco. — uma mulher de uma tenda vizinha diz, escrutinando o homem com o nariz empinado.

Ignorando o cruel comentário da mulher, e sentindo a necessidade de poupar os sentimentos do homem, a jovem pergunta:

— Que coisas perigosas?

O homem olha para os dois lados, lançando para a outra mulher um olhar sombrio antes de retornar a atenção à garota.

— Existem muitas histórias e lendas sobre o quê pode haver nessas águas, ninguém sabe ao certo. Mas posso dizer no que eu acredito. — sussurra o homem, seus olhos vigiando os transeuntes que passam por ali.

A garota sente que está em algum tipo de encontro clandestino pelo tom reservado dele. Ela espera impacientemente que ele continue.

— Eu também não acreditava nas histórias, no começo. Alguns afogamentos datam de 1600, afinal. Mas aí eu vi em primeira mão.

Os olhos da jovem arregalam em choque. Ele viu com seus próprios olhos?

— Meu irmão. Ele foi... *levado*. — diz solenemente.

— Sinto muito, senhor. — diz ela, a compaixão evidente em seu tom.

Ele balança a mão desdenhosamente.

— Não se preocupe, foi há muito tempo. Agora, como eu dizia: nós tínhamos ido nadar no lado sul da ilha. Estava ensolarado e a

água estava extremamente limpa, que é como eu consegui ver o que o pegou.

A jovem esfrega as mãos em antecipação conforme o homem continua.

— Ele estava a apenas alguns passos de mim, de pé na margem externa de um banco de areia. Normalmente era seguro nos bancos de areia. Mas não dessa vez.

"Eu vi uma cauda vermelha de quase dois metros, e, antes que eu tivesse a chance de avisá-lo, meu irmão já estava gritando. 'Alguma coisa pegou a minha perna!', ele tinha dito. Eu corri até ele, mas sua mão escorregou dos meus dedos. — O homem joga seus braços alto no ar em um gesto, fazendo a garota pular. — No momento seguinte, ele sumiu. — ele faz um esforço para terminar a sentença. — Só tinha sobrado um pouco de sangue na água no lugar onde ele havia estado.

Um sopro estremecido escapa dos lábios semi-abertos da jovem. Ela não estava esperando uma história tão macabra. Sua cabeça vira-se de volta para o homem conforme ele continua sua história.

— Logo antes de ele sumir de vista, eu tive um vislumbre daquela coisa que o pegou. A cauda vermelha estava lá, sim, — um olhar enlouquecido toma conta do semblante do homem — mas um tronco humano estava na outra ponta. Era homem e peixe.

O aviso anterior da outra mulher volta a estalar em sua mente, e seu rosto assume um semblante cético.

— Senhor, tenho certeza de que o que o senhor viu não poderia ter sid...

— Eu não estou mentindo, moça. — ele diz, aumentando o tom de voz — Eu sei o que eu vi!

— A-acho que eu vou indo, senhor. Obrigada por me contar. — diz ela, trêmula. E recebe a sacola de mangas dele, começando a temer sua explosão repentina.

— Não, por favor, escute. Eu não sou louco. Eu sei o que eu vi!
— O homem grita, e ela foge apressadamente rua abaixo.

O que ela estava pensando? O que é que ela estava esperando? Um peixe grande ou uma infestação de tubarões, talvez, mas não isso!

A jovem mantém o ritmo rápido pela rua, se perguntando se ela está fugindo do vendedor maluco, ou da história que ele lhe contou.



Enfim longe do vilarejo, a jovem diminui o passo e caminha sem pressa. Seus pés doem dos muitos quilômetros de ruas de cascalhos percorridos apenas com um par de sandálias. Ela dobra a esquina, e o bangalô que sua família está alugando se faz visível.

Tem bem cara de praia com suas tábuas de madeira verticais e a imitação de telhado de sapê. Uma pequena varanda circunda o exterior com degraus que levam à entrada principal e ao calçadão privativo.

Reflexões de sua conversa com o homem do vilarejo enevoam os pensamentos da jovem. O que ele *realmente* viu? Ele se afogou, embora não por uma *sereia*, mas por *alguma coisa*, isso com certeza. Mas o que exatamente era? De qualquer forma, as águas são provavelmente perigosas.

— Nós já estávamos ficando preocupados com você, Cally. Estive fora por horas. — a mãe da garota fala quando ela entra no bangalô.

— Desculpe, perdi a noção do tempo. —ela responde, colocando a sacola de mangas no balcão da cozinha. — Eu trouxe mangas.

— Ooh mangas? Eba! — seu irmão de oito anos, Ethan, diz, correndo para a cozinha.

— Também conheci um homem do vilarejo. Ele me contou uma história interessante. — diz Cally.

— Que tipo de história? — seu pai pergunta da sala de estar, onde ele está empoleirado no sofá ao lado da mãe dela.

— Bem... era sobre um afogamento, na verdade. — diz Cally, hesitante. Ela não tem muita certeza de como eles vão reagir à essa estranha narrativa.

— É mesmo? Vamos ouvir, então. Deve ser uma daquelas histórias de araque, de qualquer forma. — seu pai fala, casualmente.

Cally repassa a informação para sua família ansiosa, deixando de fora parte sobre possivelmente se tratar de uma sereia.

— ...então um peixe gigante puxou ele pra dentro da água. — finaliza ela.

— Talvez tenha alguma coisa lá fora... — sua mãe pondera.

— Que nada... E mesmo que tenha, o que eu duvido muito, tem um monte de gente nessa ilha. A chance de essa coisa atacar um de nós é mínima. — o pai de Cally diz.

— Acho que tem razão. — responde a mãe.

— Tem certeza? — pergunta Ethan, um olhar assustado contorcendo suas feições infantis.

— Sim, docinho, não há nada com o que se preocupar. — sua mãe lhe assegura com um sorriso.

Talvez não haja nada com o que se preocupar. *Posso confiar no julgamento dos meus pais, certo?*, Cally se pergunta.

— Ei, eu vou descer até a praia rapidinho. Volto num minuto.
— diz ela antes de ir até a porta.

— Tudo bem, mas esteja de volta antes do jantar! — ela ouve sua mãe dizer enquanto a porta se fecha.

Cally suspira, trotando pelos degraus na descida. Esse provavelmente não foi o melhor lugar para tirar férias. Afogamentos misteriosos? Um monstro no mar?

Os insetos grilam incessantemente enquanto Cally faz seu caminho até o calçadão. Uma vez que ela chega na areia, contudo, os sons altos dos insetos são substituídos pelo tranquilizante quebrar das ondas.

O sol já se pôs no horizonte, mas o céu ainda está pintado com um laranja rosado ao longo do canto oeste da ilha. A areia fria sob seus pés misturada à brisa suave fazem calafrios correrem por sua pele pálida.

Hoje foi um bom primeiro dia de férias, Cally decide. Ela ainda tem medo da água, sem dúvida. Isso não a impede de andar perto o suficiente para que as ondas se quebrem contra suas canelas, no entanto.

Cally envolve os braços em si mesma conforme assiste o céu ficando mais e mais escuro, e as ondas apenas pouco visíveis. Com o canto dos olhos, ela vê um grande chapinhar na água. Seus olhos arregalam quando uma longa cauda negra ergue-se das lúgubres profundezas, as escamas escuras brilhando ao luar.

Tão logo ela aparece, ela some, mergulhando de volta no mar. Cally estremece ao que poderia ter sido. Ela nunca havia visto

uma cauda assim antes. Com um suspiro, ela dá meia volta e marcha pela areia rumo ao bangalô.

Ela nunca esteve ciente do par de olhos obsidiana observando-a das águas sombrias.